

Aula 2

FUNDAMENTOS POLÍTICO-CULTURAIS DA DIVISÃO QUADRIpartite

META

Refletir sobre os marcos e períodos apresentados pela divisão quadripartite da História.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
definir a divisão quadripartite como uma forma de explicar a evolução histórica a partir de uma perspectiva europeia ocidental.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado o conteúdo da aula 01.

Alfredo Julien

INTRODUÇÃO

Caro aluno ou cara aluna: na aula anterior tivemos a oportunidade de definir um conceito para periodização histórica. Ao seu final, chegamos à conclusão de que a periodização quadripartite da história é uma forma de ordenar a evolução dos acontecimentos humanos, dando-lhes coerência e sentido.

Agora vamos pensar um pouco mais sobre a prática da periodização histórica. Lembra de nosso sonho? Vamos utilizá-lo como exemplo! Nele você se encontrava em um corredor com quatro salas, representando as idades da divisão quadripartite (quatro partes). Acondicionados em cada uma delas estavam todos os acontecimentos do mundo, separados em uma ordem lógica que se inicia com a sala da Idade Antiga e segue até a sala da Idade Contemporânea.

Todos os acontecimentos da história humana estão perfeitamente ordenados e guardados em seu devido lugar, marcando uma seqüência perfeita de acontecimentos, contando a história desde o início até os dias de hoje. O tema dessa aula refere-se a essa questão, ou seja, nela discutiremos como é possível ordenar todos os eventos da história humana em quatro períodos logicamente dispostos.



(Fonte: www.blog.senhordesign.com).

PERÍODO

Michel Foucault, em uma obra clássica, *As palavras e as coisas*, que talvez seja difícil para ser lida por um aluno iniciante, mas que se algum dia você tiver tempo e oportunidade para isso leia-a, faz uma observação que muito nos ajuda a refletir sobre a questão que ora empreendemos:

não há, mesmo para a mais ingênua experiência, nenhuma similitude, nenhuma distinção que não resulte de uma operação precisa e da aplicação de um critério prévio (FOUCAULT, 1999, p. 14).

O que ele queria dizer ao afirmar que não haveria, mesmo para uma experiência ingênua, nenhuma similitude ou distinção que não resultasse de um critério prévio? Começemos pelo princípio, com os significados de algumas das palavras que ele utiliza: similitude e distinção. Por similitude quer se designar aquilo que é semelhante, ou seja, a semelhança entre as coisas que se parecem. Por distinção, a diferença entre coisas que não seriam semelhantes.

À primeira vista, talvez, esse comentário pode parecer óbvio, mas é importante que chamemos a atenção para os detalhes. Muitas vezes as obviedades são coisas que aceitamos sem submetê-las à crítica, exatamente por serem óbvias! Tal trocadilho é proposital e com ele pretendemos chamar a atenção para a necessidade da prática constante do pensamento crítico, pois tomar julgamentos históricos como uma obviedade é aceitá-los de forma passiva, sem nenhuma reflexão consciente.

Michel Foucault, em sua formulação, nos fala sobre a ação lógica do pensamento que separa os elementos do mundo em coisas iguais ou diferentes. E diz que tal operação somente pode ser feita a partir de um critério prévio de análise. Vejamos um exemplo. Pensemos em um concurso de beleza que pretendesse escolher os rapazes mais bonitos do Brasil, e também os mais feios. Tal escolha somente poderia ser feita a partir do estabelecimento de um critério de seleção previamente determinado. Uma questão se impõe: quais seriam as qualidades que permitiriam distinguir os mais bonitos dos mais feios, ou seja, qual seria o critério para se estabelecer o que é feio e o que é bonito, para que pudéssemos classificar quem é bonito e quem é feio? Tal julgamento, ou operação lógica, como diria Foucault, depende necessariamente de um critério prévio, de uma opinião sobre o que seria a beleza ou a feiúra!

Quais seriam considerados os mais bonitos? Seriam os mais musculosos, de corpos atléticos, ou os que soubessem dizer coisas poéticas? Lembre-se que os critérios que definem a beleza são subjetivos, dependem da opinião de cada um, mesmo que os meios de comunicação de massa tendam a uniformizar os padrões que a maioria costuma seguir. Nesse sentido é sábio o ditado popular: quem ama o feio, bonito lhe parece!

TODA CLASSIFICAÇÃO RESULTA DA APLICAÇÃO DE CRITÉRIOS PRÉVIOS DE ANÁLISE

A divisão quadripartite da história, como classificação ordenadora das épocas históricas, não foge a essa regra. Ela não é neutra, organiza-se a partir de esquemas prévios de referências. A própria escolha dos marcos históricos não é resultado de um julgamento imparcial, orientado pela objetividade científica. Mas, muito pelo contrário, trata-se de uma escolha influenciada por valores morais e políticos, de crenças que se referem ao fundo de nosso ser, que muitas vezes atuam de forma inconsciente sem que nos apercebamos de suas existências. A divisão quadripartite da história não foge a essa regra.

A divisão quadripartite da história é uma forma de narrar a história do mundo a partir de um determinado ponto de vista determinado.

Uma vez que já estabelecemos um ponto importante de nossa questão, o de que a periodização quadripartite é uma forma de narrar a história do homem a partir de um determinado ponto de vista, devemos agora dar o próximo passo, e equacionar: qual seria esse ponto de vista? Para isso, caro aluno ou cara aluna, prestemos atenção em seus marcos divisórios. Com exceção do aparecimento da escrita, todos se referem a acontecimentos relacionados diretamente à história de um espaço geográfico determinado, o da Europa Ocidental. A queda do Império Romano do Ocidente; a Tomada de Constantinopla, pois sua conquista pelos árabes é utilizada como marco devido às suas conseqüências para as sociedades européias; e a Revolução Francesa são todos marcos que não deixam dúvidas: a divisão quadripartite é uma forma de narrar a história sob o ponto de vista do que poderíamos chamar de civilização européia ocidental.



A Liberdade Guiando o povo, Eugène Delacroix, 1830, óleo s/tela. Retrata a revolução dos republicanos e liberais contra o rei Carlos X em julho de 1830, na França.

(Fonte: <http://educação.uol.com.br>).

As principais características, costumeiramente apontadas para cada Idade, também se referem às questões européias. Poderíamos citar, como exemplo, a colocação do Império Romano como o ápice das culturas “antigas”; a sociedade feudal européia como uma das principais características da Idade Média; o renascimento cultural, o colonialismo e os Estados Absolutistas como características da Idade Moderna; e, por fim, o capitalismo, com todas as suas conseqüências, como eixo explicativo para a Idade Contemporânea. Consulte um livro didático qualquer sobre História Geral e veja que, do Império Romano em diante, quando versam sobre as criações culturais dos homens, e de seus fatos sociais, falam basicamente de produções européias.

Podemos então constatar que a divisão quadripartite da História é a forma na qual se reveste uma História que se pretende geral ou universal (como se dizia antigamente), mas que, porém, se trata efetivamente de uma história contada a partir de uma perspectiva ocidental européia.



ATIVIDADES

Caro aluno e cara aluna: essa atividade tem por objetivo sedimentar os conhecimentos adquiridos até aqui, como também proporcionar oportunidade de refletir sobre um conceito importante no âmbito das ciências sociais: o etnocentrismo.

A palavra (etnocentrismo) foi criada pelo sociólogo americano Wilian G. Summer e apareceu pela primeira vez em 1906 em seu livro *Folkways*. Segundo sua definição “o etnocentrismo é o termo técnico para esta visão das coisas segundo a qual nosso próprio grupo é o centro de todas as coisas e todos os outros grupos são medidos e avaliados em relação a ele [...]. Cada grupo alimenta o seu próprio orgulho e vaidade, considera-se superior, exalta suas próprias divindades e olha com desprezo as estrangeiras. Cada grupo pensa que seus próprios costumes (*folkways*) são os únicos válidos e se ele observa que outros grupos têm outros costumes, encara-os com desdém” (citado por Simon [1993, p. 571]). A atitude assim descrita parece bem universal, sob formas diversas segundo as sociedades. Como Escreveu Lévi-Strauss, os



O etnocentrismo encontra-se na História do Brasil, mostrando o olhar do conquistador: o português, agente descobridor, e os índios, os descobertos. (<http://www.achetudoeregiao.com.br/>).

homens têm sempre dificuldade de encarar a diversidade das culturas como um “fenômeno natural, resultado das relações diretas entre as sociedades”[1952]. A maioria dos povos chamados de “primitivos” considera que a humanidade acaba em suas fronteiras étnicas ou lingüísticas e é por isso que eles se denominam freqüentemente usando um etnônimo que significa, segundo o caso, “os homens”, “os excelentes” ou ainda “os verdadeiros” em oposição aos estrangeiros que não são reconhecidos como seres humanos completos.

Quanto às sociedades chamadas “históricas”, elas têm a mesma dificuldade para conceber a idéia da humanidade na diversidade cultural.

O mundo greco-romano antigo qualificava de “bárbaros” todos os que não participavam da cultura greco-romana. Em seguida, na Europa Ocidental, o termo “selvagem” será utilizado no mesmo sentido, para jogar para fora da cultura e, em outras palavras, da natureza, os que não pertenciam à civilização ocidental. Com esta atitude, “os civilizados” se comportam então exatamente como os “bárbaros” ou “os selvagens”. No final das contas, não estaríamos no direito de pensar, como Lévi-Strauss que “o bárbaro é primeiramente o homem que acredita na barbárie”[1952] ? (Cuche, 1999, p. 46).

Agora, tendo lido atentamente o texto acima, reflita com seus colegas a respeito da questão do comportamento etnocêntrico, e procure cumprir as tarefas colocadas abaixo:

1. A partir do conceito de etnocentrismo apresentado no texto acima, identifique algum comportamento social que você consideraria ser um comportamento etnocêntrico;
2. De que maneira o autor justifica a sua opinião de que em relação ao etnocentrismo os povos “civilizados” se comportariam da mesma maneira que os “selvagens”?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. A resposta para essa questão pode variar bastante, pois depende de sua experiência pessoal. O importante é que, ao respondê-la, você possa refletir sobre o tema e assegurar-se do domínio do conceito de etnocentrismo. Como está expresso no texto citado, o etnocentrismo é um comportamento no qual o nosso “próprio grupo é o centro de todas as coisas e todos os outros grupos são medidos e avaliados em relação a ele”. O grupo em questão se vê como superior, desqualificando o comportamento dos outros. Os exemplos de práticas etnocênicas podem ser colhidos tanto no âmbito de pequenos grupos urbanos,

como na esfera das nações ou continentes. Por exemplo, um habitante de um país rico, do chamado primeiro mundo, que se considere superior aos povos da África ou da América do Sul. Não seria também os preconceitos de classe uma forma de prática etnocêntrica?

2. A divisão quadripartite da História pode ser considerada também como uma manifestação etnocêntrica, pois situa a Europa e a História Ocidental como o eixo de referência para a determinação da linha histórica que os homens teriam percorrido desde os seus primeiros tempos até a época contemporânea. Nela, os marcos dizem respeito especificamente à história européia, indicando que as sociedades existentes nos outros continentes são desconsideradas, sendo tomadas como secundárias no processo de transformações históricas indicadas pela quadripartição.

Vimos até aqui que a divisão quadripartite da História embute uma visão etnocêntrica da História, no sentido de que ela é feita a partir da perspectiva ocidental européia. Tal perspectiva eurocêntrica desqualifica a história particular de todos os outros povos, que são considerados somente na medida em que participam dessa “história européia”. Nesse sentido veja como é ilustrativo o texto selecionado abaixo. Ele foi extraído de um livro publicado em 1918, pela Livraria Francisco Alves. É uma tradução resumida do famoso livro sobre a História das Civilizações, de Seignobos, feita para ser utilizada no então chamado ensino primário. O trecho selecionado faz parte da introdução do editor.

Quando transcrevemos textos do passado, eles devem ser reproduzidos na íntegra, sem alterações ortográficas. O Dicionário Ortográfico da Língua Portuguesa sofre alterações em face do dinamismo da própria língua. Resumindo, as regras da escrita eram diferentes das de hoje, conforme você pode ver nesta citação do historiador francês Charles Seignobos.

Hoje quem tem a menor instrução deseja compreender a sociedade em que vive e saber como se formaram os costumes do meio que o rodeia. Já não nos contentamos com as narrações dos acontecimentos da história política social, queremos conhecer também os acontecimentos da história moral, religiosa e material da humanidade. A par das grandes acções dos personagens célebres, queremos fazer uma idéia perfeita da vida dos milhões de homens de que a história política não resa e que em seu tempo formaram a massa das nações e foram nossos predecessores. Os professores de

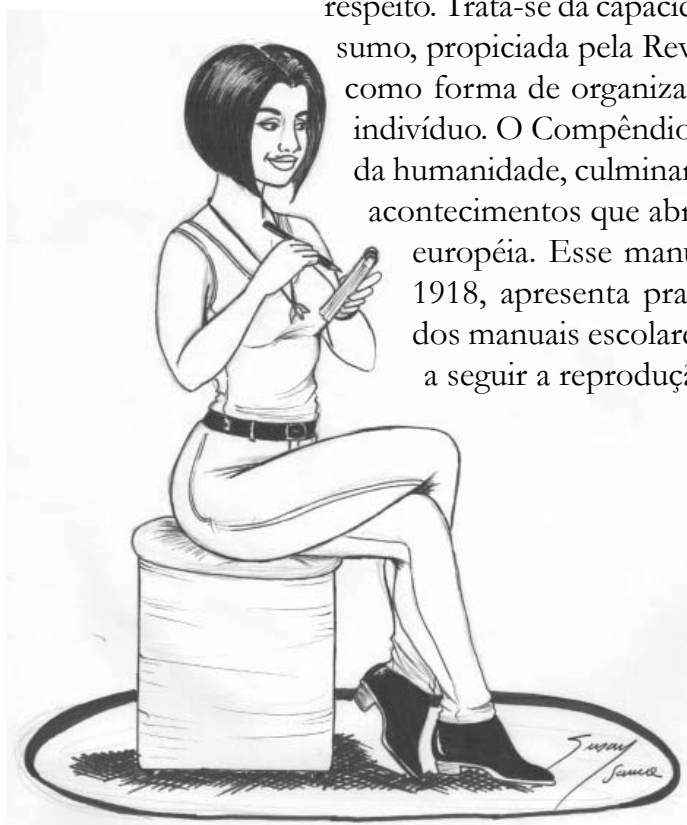


(Fonte: <http://www.2segundos.blogspot.com>).

ensino primário sentem bem esta necessidade e entendem que a história dos acontecimentos políticos é o estudo favorito dos homens de Estado, a história da civilização é que é a verdadeira história do povo. É ela que mostra como os povos saíram do estado selvagem, como pouco a pouco foram se libertando da miséria e da opressão, e quaes os esforços por meio dos quaes conquistaram o seu bem estar e a sua liberdade. A história da civilização é o quadro dos progressos da humanidade e com justo título interessa a todos os que crêem na humanidade e no progresso (SEIGNOBOS, 1918).

No texto acima, encontramos a afirmação de que a história da civilização é a verdadeira história do povo, pois seria ela que mostraria como os povos saíram do estado selvagem e foram se libertando da miséria e da opressão. A história da civilização seria a história do progresso da humanidade. Mas, no que se caracterizaria o bem estar e a liberdade mencionados pelo editor do Compêndio de História da Civilização?

A divisão em capítulos que o livro apresenta não permite enganos a esse respeito. Trata-se da capacidade industrial de produção de bens de consumo, propiciada pela Revolução Industrial, e da democracia liberal, como forma de organização política garantidora das liberdades do indivíduo. O Compêndio inicia com a Pré-História, nos primórdios da humanidade, culminando na Revolução Industrial e na Francesa, acontecimentos que abrem a porta para a história contemporânea européia. Esse manual para o ensino primário, publicado em 1918, apresenta praticamente a mesma divisão em capítulos dos manuais escolares de História Geral contemporâneos. Veja a seguir a reprodução de seu índice:



INTRODUÇÃO.....	7
As idades pré-históricas.....	7
I- OS POVOS DO ORIENTE.....	12
Os egípcios.....	12
Assírios e babilônios.....	19
Os persas.....	24
O povo fenício.....	27
II- OS GREGOS.....	30
O povo grego.....	30
A religião grega.....	34
Sparta.....	41
Athenas.....	45
As artes na Grécia.....	48
Conquista da Ásia pelos gregos.....	53
III – A REPÚBLICA ROMANA.....	58
Os etruscos.....	58
Roma.....	61
A religião romana.....	62
A família romana.....	66
A cidade romana.....	68
O exército romano.....	71
Os escravos.....	75
Transformação dos costumes em Roma.....	78
Destruição da República.....	81
IV – O IMPÉRIO ROMANO	84
Os costumes no tempo do Império.....	87
A administração imperial.....	92
A arte romana.....	95
O Cristianismo.....	97
O Baixo Império.....	101
V – OS GERMANOS.....	105
Invasão dos bárbaros.....	105
Conversão dos germanos.....	108
Os reinos bárbaros.....	111
Carlos Magno.....	112
VI – O FEUDALISMO.....	117
O regime feudal.....	117
Os costumes feudais.....	123
O governo feudal.....	127
A igreja média.....	130
VII – A CIVILIZAÇÃO ORIENTAL.....	139
A civilização bizantina.....	139

O islamismo.....	141
A civilização árabe.....	145
A civilização oriental no ocidente.....	150
VIII – AS CIDADES NA IDADE MÉDIA.....	152
Formação da burguesia francesa.....	152
Organização das cidades na Idade Média.....	155
As cidades livres da Itália e da Alemanha.....	160
O comércio na idade média.....	163
A arquitetura na idade média.....	164
IX – ORIGEM DOS GOVERNOS MODERNOS.....	170
As instituições da Inglaterra na idade média.....	170
Origens da centralização na França.....	174
Origens do poder absoluto na Europa.....	178
X – O FIM DA IDADE MEDIA.....	184
Transformação da cavalaria.....	189
As novas infantarias.....	192
As invenções.....	192
As descobertas marítimas.....	193
XI – RENASCENÇA E REFORMA.....	200
A Renascença.....	200
A Reforma.....	206
A Contra Reforma.....	210
Luctas Religiosas.....	214
XII – A MONARCHIA ABSOLUTA NA EUROPA.....	217
Os governos absolutos.....	217
A diplomacia.....	227
Os exércitos.....	231
Formação da constituição inglesa no século XVII.....	239
XIII – O SÉCULO XVIII.....	248
O regime colonial.....	248
O movimento da reforma na Europa.....	255
XIV – O SÉCULO XIX.....	264
A Revolução Franceza.....	264
O governo constitucional na Europa.....	270
A indústria, a agricultura e o comércio.....	273
XV – O ESTADO ATUAL DO MUNDO.....	284
População do mundo.....	284
Religiões	284
Influencia das diferentes raças.....	285
Civilização commum a todos os povos.....	286



História Antiga: itens I, II e III

História Medieval: itens ____, ____, ____, ____, ____ e ____

História Moderna: ____, ____ e ____

História Contemporânea: ____ e ____

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A tábua de conteúdos do Compêndio apresenta de maneira explícita a classificação dos assuntos ordenados pelo critério da divisão quadripartite da história. Fazendo parte da História Antiga temos os itens I, II, III e IV. Da História Medieval, os itens V, VI, VII, VIII, IX e X. Da História Moderna, os itens XI, XII e XIII. E da Contemporânea, os itens XIV e XV.

Como você já deve ter percebido, a divisão quadripartite da História constitui-se em uma forma de explicar a história do homem a partir de um ponto de vista da sociedade européia. Trazendo à tona eventos importantes que marcaram as sociedades que se desenvolveram nessa região do globo. Ela releva a história política do desenvolvimento da civilização ocidental, em detrimento de todas as outras sociedades do globo terrestre. A história geral, tal como ela se configura em nossos manuais escolares, é no fundo uma história da Europa, na qual se comemora o processo de evolução social que culminou na formação da moderna sociedade capitalista.

Mas, ao mesmo tempo que serve de narrativa de como a sociedade européia ocidental se constituiu e se expandiu pelo mundo, a periodização quadripartite também cala todas as outras histórias, de todas as outras culturas. Qual seria o sentido de apresentar as histórias da China, da Índia, do Egito e das diversas culturas tribais africanas ou americanas dentro do quadro da divisão quadripartite? A divisão em História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea teria algum sentido explicativo para a História de todas as outras sociedades que não a européia ocidental? Em que sentido a evolução política constituída pela crise do Estado Romano, pela formação das monarquias feudais, pelas constituições dos estados absolutistas, na Idade Moderna, e Liberal, na Idade Contemporânea, seria um elemento geral, universal, característico e pertencente ao patrimônio histórico cultural de todos os povos da terra? Tal perspectiva não encerraria a lógica do poder que pretende subjugar e absorver todos que se encontram em seu caminho de expansão. Por meio dela, a História da Europa Ocidental passa a ser a História de todos.

Porém, a constatação de que a quadripartição da história seja uma prática eurocêntrica não elimina sua força como modelo explicativo. A nossa intenção não é negá-la, abolindo-a, rejeitando-a completamente, excluindo-a dos bancos escolares, pois, agindo desse modo, também estaríamos tomando uma atitude de força, impondo nosso ponto de vista de maneira violenta e autoritária. A divisão quadripartite é uma forma de ver o mundo como várias outras existentes. O seu problema não se encontra no fato de ser uma periodização, construída a partir do ponto de vista da burguesia capitalista européia, já que toda explicação de um processo histórico parte de algum ponto de vista que, no fundo, contém significações políticas. Para nós, a questão se encontra no fato de torná-la na única história possível, transformando os conteúdos que estão embutidos em seus marcos na única e verdadeira história que registraria a marcha da civilização.



CONCLUSÃO

A divisão quadripartite da História não é um aspecto natural, inerente a um processo de transformação que seria típico de todas as sociedades do mundo. Ela se caracteriza por ser uma forma particular de narrar e interpretar a história da humanidade. Ela embute uma visão de mundo determinada, contando a História a partir de uma perspectiva europeia ocidental. Nesse sentido ela se constitui em um discurso de poder que visa subordinar, ou mesmo eliminar, a história particular de cada grupo específico, integrando a todos na lógica do desenvolvimento Ocidental.



RESUMO

A partir da formulação de Michel Foucault de que toda classificação organiza-se em torno de um esquema de referências prévio, definimos a divisão quadripartite da História como uma forma de classificação e ordenação dos acontecimentos humanos que não seria neutra, ou seja, seria organizada a partir de um determinado ponto de vista. Assim a divisão quadripartite de história embutiria uma ideologia, uma visão de mundo que a organizaria. Dessa forma apresentamos que uma perspectiva eurocêntrica, calcada na experiência europeia ocidental, seria o fio condutor que alinharia a seqüência histórica dos quatro períodos que ela apresenta. História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea apresentam-se dessa maneira como marcos delineadores de uma forma de explicar a evolução histórico-social da Europa e sua influência pelo mundo.



AUTO-AVALIAÇÃO

1. A partir das informações fornecidas nessa aula, e outras que você poderá pesquisar, justifique a observação “toda classificação resulta da aplicação de critérios prévios”.
2. Em que sentido pode-se afirmar que a divisão quadripartite é uma maneira de classificar os eventos históricos a partir de uma perspectiva europeia-ocidental?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. O dicionário Aurélio apresenta para a palavra “classe” o significado de grupo de elementos que apresentam características semelhantes, que pertençam ao mesmo conjunto. Todo esquema de classificação depende de esquemas de referências em nome do qual se realiza a ordenação. Assim podemos classificar os homens em duas categorias, por exemplo, a dos feios e a dos bonitos. Mas, como poderíamos realizar tal separação se não estipularmos antes quais serão as qualidades que servirão de critério para se considerar alguém bonito ou feio? Seria a cor do cabelo, o porte físico, a inteligência, as maneiras educadas ou a cor da pele? Veja que o resultado da classificação necessariamente dependerá da qualidade que se adotar como critério de julgamento. Da mesma maneira, ao emprendermos uma análise, comparando dados, selecionando informações de acordo com o que consideramos ser importante para explicar um determinado fenômeno, temos que fazê-lo de acordo com algum critério de escolha. A explicação de um evento social, por exemplo, depende do ponto de vista que se adota em relação a ele.

2. A divisão quadripartite é uma maneira de ordenar a história do homem a partir de eventos e valores significativos para a cultura européia ocidental, valorizando seus modos de ser, aspectos determinados de sua cultura e formas de organização, constituindo-se em uma explicação que busca tornar inteligível o processo de formação da sociedade ocidental



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, abordaremos o contexto histórico em que a idéia de História Antiga, como período histórico determinado, se formou na Europa.

REFERÊNCIAS

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUARINELLO, N.L. **Uma morfologia da História**: as formas da História Antiga. *Politéia: história e sociedade Vitória da Conquista*, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2003.

SEIGNOBOS, C. **Compêndio da História da Civilização** – desde os tempos mais remotos até a atualidade. Trad. D. A. Cohen. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1918.